

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações

| | |
|-----------------------------------|---------|
| Anuncios, cada linha, typo commum | 20 réis |
| Comunicados | 60 " |
| Reclamos | 100 " |
| Artigos | 200 " |

LISBOA

Quinta feira 16 de janeiro de 1896

Assignaturas

| | |
|--------------------------------------|----------|
| Lisboa, série de 12 numeros..... | 300 réis |
| Provincias, séries de 24 numeros.... | 600 " |
| Numero avulso | 50 " |
| Paizes da união postal, 24 numeros.. | 15000 " |

RESUMO

João de Deus.—O tiro nacional, por J. P.—Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.—Carreira de tiro.—Projecto de caça, por Baptista de Sá.—Secção de atiradores.—Singular ironia, por S. B.—O leão.—Um «stavolazzo» no Piemonte em 1826: uma caçada aos gallos do matto.

João de Deus

PERDERAM-SE na eternidade os últimos harpejos d'essa lyra suavissima que só elle soube dedilhar com sentimento n'este seculo de ambições e de egoismos.

Desappareceu, sob a lapide que ha de dizer aos vindouros que alli repousam os restos mortaes d'um grande coração e o involucro d'uma grande alma, o cantor mais genial d'esse sentimento sublime e puro que transforma as sociedades e lhes robustece as crenças.

A mocidade academica, a primavera, fez-lhe um dia a mais brilhante apothese, e, ao vel-o resvallar na sepultura, levantou-o sobre um pedestal de gloria, que os seculos hão de respeitar, porque representa a mais sincera e a mais sentida manifestação pelo auctor da *Cartilha maternal* e das *Flores do campo*, dois livros que o futuro ha de consagrar porque são inimitaveis.

João de Deus, o principe dos poetas lyricos, a alma mais pura e a mais ingenua, verdadeira alma de creança, sentimental como a primeira lagrima, limpida como o primeiro sorriso, crystallina como a primeira gotta de orvalho, deixou-nos para sempre immersos na magoa de perdel-o.

Morreu! E em paz descançará, porque em paz viveu.

A *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, a *Associação dos Atiradores Civis Estrella* e a redacção do *Tiro Civil* acompanharam até ao pantheon dos Jeronymos o cadaver do grande poeta.

terminantemente nos seja *prohibido (sic)* tornar publico o nome do auctor do que vae lêr-se.

O que lhe pediremos em nome da nossa velha amisade é que continue, e que disponha das columnas do *Tiro Civil*, como se dispõe do que pertence a um bom e sincero amigo.

O artigo é o seguinte:

«Em todos os paizes onde o tiro nacional foi reconhecido como um dos meios efficazes e mais facéis de assegurar a defeza da patria, os governos, os municipios e os particulares tem feito os maiores esforços para desenvolver a instrução militar, accentuar o gosto pelo tiro ao alvo em carreiras de tiro apropriadas ás exigencias modernas e tem procurado premiar os atiradores de modo a compensal-os das despesas e sacrificios, que necessariamente hão de fazer para adquirir firmeza e precisão.

«A Suissa é de todos os povos o que mais largamente contribue para o desenvolvimento do tiro; as sociedades suissas são numerosas em todos os cantões, os concursos annuaes de tiro são verdadeiras festas onde se reúnem milhares de pessoas, e o tiro federal é uma manifestação grandiosa, que todos os leitores já conhecem por se haver descripto o notavel tiro federal de Winterthur, em 1895.

«Segue-se a França que conta hoje por milhares os frequentadores das carreiras de tiro, tendo tido já notaveis concursos de tiro em Vincennes e ainda em outros pontos e dispondo-se n'este momento a realizar no corrente anno um grande concurso de tiro nas proximidades de Paris para o que já foram concedidas as precisas auctorisações.

«A Italia, não menos cuidadosa do que a França, tem carreiras de tiro em toda a parte, o grande concurso de Roma em 1895 prova bem quanto interessam a este povo os progressos d'uma instrução que pode habilital-o a armar com vantagem muitas centenas de milhares de cidadãos que n'um momento grave para a unidade italiana podem ser chamados a defendel-a.

«A Allemanha, paiz essencialmente militar, não descarta nem podia descurar o tiro nacional e a instrução é alli ministrada com toda a regularidade e sob a forma mais severa e mais methodica.

«A Russia, a Inglaterra, a Belgica, todas as nações enfim, consideram a carreira de tiro e o habito de manejar a arma de guerra como uma necessidade e portanto não hesitam em facilitar os meios de desenvolver as aptidões de todos.

«Entre nós, ha pouco mais de dois annos, que o governo se lembrou de que tambem Portugal precisava acompanhar este movimento, que se generalisava por toda a parte, e deve-se ao sr. conselheiro Pimentel Pinto, actual titular da pasta da guerra, ter mandado elaborar um re-

gulamento em que se permite á classe civil frequentar as carreiras de tiro, carreiras que infelizmente não tem podido desenvolver-se e que por emquanto são apenas um projecto, se exceptuarmos a de Pedrouços, já muito frequentada.

«O Porto que tão instantemente tem pedido uma carreira de tiro, proxima da cidade e por consequencia accessivel, não conseguiu ainda ver tornar-se em realidade este desejo ardente e affigura-se nos que não só o Porto, mas tambem Lisboa, lucraria extraordinariamente com a abertura d'uma carreira de tiro alli, pois immediatamente surgiria a natural emolucção e, portanto, o augmento de frequencia.

«Tudo isto quer dizer, que estamos no principio d'um movimento que se vae accentuando, e acreditamos se desenvolverá effizacmente, se o governo, as camaras municipaes e os particulares se compenetrarem bem de que todo o cidadão deve ser soldado, isto é, um homem capaz de defender a autonomia e a honra da Patria.

«Desejaríamos, pois, que por toda a parte se espalhasse esta idéa generosa, que as associações de tiro civil fizessem propaganda presistente e tenaz, que junto dos poderes publicos, das camaras, dos commerciantes, dos industriaes, dos ricos e dos pequenos proprietarios se mostrasse bem que era um dever de patriotismo, auxiliar com subsidios, embora pequenos, tudo quanto tendesse a desenvolver o tiro nacional, pois está n'elle o futuro da nossa Patria, a segurança das nossas colonias, a manutenção da paz.

«Tem-se feito alguma cousa já, e al guma cousa tambem se tem conseguido; em dois annos difficilmente se poderia ter avançado mais n'um paiz naturalmente rebelde a um certo numero de innovações e, o que é peor, extraordinariamente indifferente e por demasia eivado do peor dos vicios sociaes: a descrença em tudo e em todos.

«Mas, parece-nos, ter chegado o momento de aspirar a maior e mais effizaz generalisação do tiro civil. Acreditamos que as recentes victorias do nosso brioso e incomparavel exercito vieram pôr bem em relevo as excepçionaes aptidões da nossa raça, a singular serenidade do nosso animo, a inexcédível sobriedade dos nossos soldados, que é o mesmo que dizer do nosso povo, e a sua tambem inexcédível disciplina.

«Que brilhantissimos resultados se obteriam quando ao lado do soldado, se visse alistado o batalhão de voluntarios, formado de atiradores habeis, tão precisos no sertão, onde o resultado da guerra, se depende muito do prestigio do branco, não depende menos da precisão do tiro que impõe respeito e convence o selvagem de que tudo conseguirá pela paz, nada pela guerra.

O TIRO NACIONAL

ACOMPANHANDO o artigo que em seguida publicamos, recebemos uma carta d'um nosso velho amigo e estimavel assignante. Sentimos deveras que a sua excessiva modestia nos prohiba firmal-o com o nome por extenso, de quem tanto se interessa pela idéa que defendemos, e que procuramos generalisar, e custa-nos que

«Faça-se pois, um appello ao paiz inteiro, espalhe-se por toda a parte o convencimento de que o tiro nacional é uma necessidade reclamada pela Patria, que muito poderá contribuir para o seu desenvolvimento e, por grande que seja a descrença, por muito arreigado que esteja o indifferentismo, ainda não está apagada de todo a tradição dos feitos heroicos de outras eras e a alma portugueza, ha de vibrar por certo, para secundar com exito, os esforços dos que fundaram as sociedades de tiro e a ellas tem consagrado o melhor dos seus esforços e da sua boa vontade.

«Assignante do *Tiro Civil* desde a sua fundação tenho seguido com interesse esse movimento associativo que tem ido noticiando, e, confesso, que me sinto rejuvenescer quando me convengo de que a bella idéa, de que é representante e defensor na imprensa, vae encontrando echo e calando a pouco e pouco no animo dos que são verdadeiramente portuguezes.

«Retirado n'uma aldeia onde o convívio é pequeno, inda assim faço entre esta boa gente que me rodeia a propaganda que posso, e já consegui convencer os rapazes e o que é mais, os velhos, de que a profissão das armas é de todas a mais nobre e que não deviam fugir ao serviço militar, quando a sorte lhes impozesse esse dever sagrado de vellar pela segurança e pela tranquillidade da terra em que nasceram. Hei de convencer-os tambem, se a vida para tanto me chegar, de que devem frequentar as carreiras de tiro, diligenciar aprender um pouco de gymnastica, habilitar-se emfim a ser uteis a si e á Patria, dando-lhe sem esforço e sem reluctancia o que a Patria lhes pedir.

«O que deixo escripto não prestará talvez para o *Tiro civil*; se não prestar que se lhe dê o destino de tantos outros manuscritos inuteis que por certo lhe tem chegado ás mãos, sr. redactor; mas, se alguma cousa tem de aproveitavel o que fica exposto, dê-lhe publicidade, porque posso afirmar que é sincero e filho do desejo de vêr este pobre Portugal continuar o periodo, que parece iniciado com a derrota dos regulos africanos, d'esse rejuvenescimento por que todos ancevamos e que tanto se fez esperar.

J. P.»

ASSOCIAÇÃO

DOS

ATIRADORES CIVIS PORTUGUEZES

Os corpos gerentes d'esta sociedade irão esperar á barra no vapor *Victoria*, os expedicionarios que regressam no paquete *Zaire*.

Para os acompanhar n'esta patriótica manifestação, a direcção da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes* enviou bilhetes de convite á imprensa de Lisboa, á direcção da *Sociedade de Geographia* e aos officiaes em commissão na *Carreira de tiro* da guarnição de Lisboa, em Pedrouços.

Ao desembarcar, os socios acompanharão ao quartel de caçadores n.º 2 o corpo expedicionario, incorporando-se na altura que lhe fór designada no respectivo cortejo, levando o seu estandarte.

A noite illumina a fachada da sede da Associação, que durante tres dias se conservará embandeirada.

O vapor *Victoria* levará arvorada a bandeira da Associação e largará da

ponte dos vapores do Caes do Sodré ás 8 horas e meia da manhã, devendo o embarque fazer-se ás 8 horas em ponto.

Os bilhetes de admissão, devem ser apresentados ao empregado da ponte, que lhes cortará o talão. A entrada sem bilhete é absolutamente prohibida e os bilhetes intransmissiveis.

**

A pedido de muitos socios, foi resolvido pelos corpos gerentes reservar para as senhoras pertencentes á sua familia, alguns bilhetes para que possam ir a bordo do *Victoria* esperar os expedicionarios.

A direcção previne que se acha aberta a inscripção para a requisição d'esses bilhetes, não se responsabilando pela satisfação de qualquer pedido quando este não seja feito immediatamente.

**

Nas últimas sessões de direcção, tem sido admittidos socios os srs. :

Antonio Corrêa Pinheiro, negociante; Antonio Luiz Nunes, caixeiro; Angelo Marcellino Garcia, gerente da fabrica ceramica; Francisco Augusto Pitta, relojoeiro; João Velloso Feijó, negociante; Antonio Emilio Gonçalves, caixeiro; Julio Eduardo dos Santos Terra, ourives; Antonio Teixeira de Carvalho, empregado no commercio; José Joaquim Lopes Monteiro, commerciante; Joaquim Carlos Eduardo de Freitas, empregado na alfandega; Francisco Pinto d'Oliveira, commerciante; Antonio Baptista de Aguiar, logista; Manoel Joaquim de Sousa, negociante; Alberto Lucio Franco, empregado no commercio; Manoel Joaquim Botica, commerciante; Francisco Antonio Carvalho Abreu, empregado no commercio; Alberto Archer, estudante; Arthur Moreira de Sá, empregado publico; Francisco Augusto Jayme da Silva, photographo; Raul Serrão Barbosa Araujo, proprietario; Marianno José Ribeiro, caixeiro; Luiz Evaristo da Silva, empregado no commercio; Pedro Ribeiro Soares, estudante; Pedro Augusto Franco Junior, proprietario; Antonio Valente Serrano, estudante; Manoel Antonio de Faria, aspirante dos telegraphos; Manoel Restello de Sousa, commerciante; Henrique Delisle, empregado publico; Alberto dos Santos Diniz, commerciante; Justino Duarte d'Almeida, commerciante; Alberto Carlos Descamps, merceneiro; José Benedito de Barros Virgolino, negociante; José Francisco Grillo, jornalista; Antonio Alfaia de Carvalho, negociante; José Augusto Prestes, industrial; Adolpho Ferreira Lima, empregado no commercio; dr. João de Menezes, advogado; Guilherme Saraiva Maia, empregado no commercio; Antonio Rodrigues Tocha, proprietario; Manoel Carlos de Freitas Alzina, chefe da contabilidade da Companhia Carris de ferro de Lisboa; Victor Carvalho da Silva, estudante; Julio Marques da Silva, proprietario; José Victorino de Mattos, proprietario, socio correspondente em Borba.

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 12 do corrente, dispararam-se 1:010 tiros com a arma de guerra.

A disposição dos alvos era a mesma do domingo antecedente.

O dia esteve terrivel, era tal o nordeste que mal deixava os atiradores fazer as suas pontarias, enregelando-lhes as mãos; apesar, porém, de tudo, fizeram-se 1:010 tiros.

Os socios da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, fizeram 190 tiros.

| | | |
|------------------------------|----------------|---------------|
| No alvo a 200 ^m , | 50 disparados, | 24 acertados. |
| » » » 300 ^m , | 90 » | 57 » |
| » » » 400 ^m , | 50 » | 36 » |
| Total..... | 190 » | 117 » |

No alvo a 200^m, *Gungunhana*, figura de joelhos, os srs. Antonio Severo Pereira da Costa, em 10 tiros, acertou 9, tiro de pé; Joaquim de Sousa Padesca, em 10 tiros, acertou 5, tiro deitado.

No alvo a 400^m, os srs. Mendes de Gouveia, em 10 disparados, 9 acertados; Antonio Joaquim Rodrigues, em 10 atirados, 8 acertados, tiro de pé; José Afonso Vianna Junior, em 20 disparados, 10 acertados, com tres *mouches*.

O sr. Gonçalo Heitor Ferreira, do *Grupo Patria*, em 10 tiros no alvo a 200^m, acertou 9 balas. Vae começar o fabrico da grade divisoria de publico com as *banquetas*, de forma a evitar a agglomeração de individuos sobre os atiradores. É muito bonita, compoendo-se de peças de artilleria, canos de espingardas, balas, etc.

PROJECTIS DE CAÇA

(Concluido do n.º 45)

Numero 2

Grossura comparada dos chumbos de caça de algumas casas francezas

| Numeração | Paris | Lyon | Marsella |
|-----------|---------------------|---------------------|---------------------|
| | Quantidade de grãos | Quantidade de grãos | Quantidade de grãos |
| 0 0 0 | 44 | — | 38 |
| 0 0 | 54 | 38 | 45 |
| 0 | 73 | 41 | 54 |
| 1 | 86 | 45 | 64 |
| 2 | 96 | 48 | 73 |
| 3 | 105 | 70 | 83 |
| 4 | 137 | 83 | 96 |
| 5 | 211 | 96 | 102 |
| 6 | 243 | 141 | 128 |
| 7 | 275 | 214 | 176 |
| 8 | 306 | 278 | 227 |
| 9 | 742 | 480 | 360 |
| 10 | 1193 | 557 | 361 |
| 11 | 2048 | 1229 | 534 |
| 12 | 6016 | — | 955 |
| 13 | — | — | 2640 |

Numero 3

Grossura do chumbo de caça de Bruxellas

| Numeração | Quantidade de grãos |
|-----------|---------------------|
| 0 0 0 | 41 |
| 0 0 | 51 |
| 0 | 61 |
| 1 | 77 |
| 2 | 86 |
| 3 | 102 |
| 4 | 147 |
| 5 | 172 |
| 6 | 205 |
| 7 | 285 |
| 8 | 358 |

Numero 4

Grossura do chumbo de caça do Porto

| Numeração | Quantidade de grãos |
|-----------|---------------------|
| B B B | 58 |
| B B | 62 |
| B | 83 |
| 1 | 108 |
| 2 | 119 |
| 3 | 137 |
| 4 | 168 |
| 5 | 207 |
| 6 | 281 |
| 7 | 351 |
| 8 | 484 |
| 9 | 649 |
| 10 | 851 |

E agora que já não pôde confundir facilmente o chumbo que se faz no Porto, que já não pôde tomar-se o n.º pelo n.º 5, o n.º 2 pelo n.º 4, e assim outro, vamos emitir a nossa opinião submissa, ácerca do seu emprego. Nos reportaremos, para isso, á caça de leão, que immortalisou Julio Geranem á do elephant, que poz nas azas fama os nomes gloriosos de Sanders e Castor, caçadores celebres da Índia não nos referiremos tambem, á caça

faisão ou outra qualquer que não se exerça aqui; temos de remetter-nos simplesmente aquella que entre nós mais ou menos se pratica, e não a toda, que não teremos necessidade d'isso; uma servirá de norma para se regular o caçador no emprego dos projectis de caça contra outra que tenhamos d'omitir.

Vamos começar pelo chumbo mais miúdo, inferior em corpo ao n.º 10, mais conhecido pelo nome de *escumilha*, e que serve para atirar aos *passaros* e *passarinhos*. Para estes deve escolher-se a mais miuda e para aquelles a mais grossa. Limite do maior tamanho de passaros: a *calhandra*.

O chumbo n.º 10 e 9 tem-nos dado magníficos resultados na caça da *narceja* e *codorniz*; e o de n.º 8 e 7 não nos parece que seja mau para as *rolas* e *tarambolas* no pasto.

Os de n.º 7 e 6 tem-o como excelente para a *gallinhola*, *marreco* e *coelho*; e o de n.º 6 e 5 só em casos excepçoes se deve trocar por outro para a caça da *lebre* e da *perdiç*. As *rolas* e *tarambolas* na passagem abatem-se bem com estes numeros esplendidos; e ao chumbo n.º 5 e 4 não resiste o duro *pombo trocaç*, nem mesmo o desconfiado *pato* dentro da sua couraça dura.

Com o chumbo n.º 3 e 2 morre a *batarda grande* e mesmo a *lontra*; e com o de n.º 2 e 1 até a *vaposa* larga a vida.

O que se conhece pelas letras B e BB é optimo para a caçada do interessante *cabrito*; e o chumbo mais grosso, o *BBB* é o chumbo, por assim dizer, que mata tudo: *lobos*, *porcos*, *gamos* e *veados* hão de curvar sem duvida sob os estragos d'elle a sua valentia.

A *bala* como já dissemos, póde ser perfeitamente substituída. Os *çagalotes* ou *quartos* dão resultados magníficos e acertam com mais probabilidades; além d'isso não offerecem, como aquella, tanto perigo. Em casos muito excepçoes e para mostrar pericias e divertir, a *bala* inquestionavelmente, é projectil de primeira fidalguia

Como se vê do que deixamos dito, referimos-nos para cada sorte de caça a duas numerações de chumbo; a primeira, expliquemos, deverá ser para o cano direito, e para o cano esquerdo a segunda.

Verdadeiro sequaz do chumbo mais miúdo, que d'um para outro calibre faz, em quasi todos os numeros, uma differença consideravel de bagos para mais, differença que muito contribue para que se atinja com menor difficuldade a caça que se alveja, por isso o preferimos ao chumbo mais graúdo, como sufficientemente fica demonstrado na explanação que apresentamos relativo á sua applicação segundo o calibre.

É certo que o chumbo mais grosso vae mais longe e offende mais; mas é inquestionavel tambem que produzem melhores effeitos, em egualdade de circumstancias, cinco ou seis bagos de chumbo n.º 6, por exemplo, do que dois ou tres de chumbo n.º 5. E, diga-se sem receio de ter-se de lutar com contendores, a differença que se encontra no volume entre dois numeros de chumbo seguidos, é bem menos importante do que aquelle que se nota sobre a quantidade de grãos existentes entre esses dois mesmos numeros.

Com o chumbo n.º 10, na caça da *codorniz*, temos morto, por varias vezes, *pintas*, *perdiçes*, *marrecos*, *patos*, *coelhos*, *lebres* e outros animaes de boa corpulen-

cia, com tiros a distancia regular; e com o chumbo n.º 6 e 5, na caça da *perdiç*, temos errado algumas vezes *codornizes* regularmente sahidas, que se escapam facilmente pelos maiores claros que fazem este chumbo.

Os alvos de maior voga nas carreiras de tiro destinadas a caçadores, são os *passaros*, as *rolas*, os *pombos*, os *pratos*, as *placas de vidro*, as *esferas de caoutchouc* e as *esferas vitreas*. Para concluirmos, vamos dizer que os melhores resultados por nós collidos, nos tiros contra estes alvos das escolas, que tanto habilitam os atiradores para os exercicios venatorios, os devemos ao emprego da *Escumilha* contra os *passaros*; do chumbo n.º 10 contra as *esferas de caoutchouc*; do n.º 8 contra as *esferas de vidro mais quebradiço*; do n.º 7 contra as *rolas* e os *pratos*; e do n.º 6 contra as *esferas vitreas mais grossas e placas de vidro*.

No tiro aos *pombos* costumamos empregar o chumbo n.º 6 e 5.

Segundo experiencias praticamente feitas, o alcance regular do chumbo, nos tiros devidamente carregados, é approximadamente o que se segue:

| | |
|-------------------|----------------|
| Escumilha..... | 35 passos |
| N.º 10, 9 e 8.... | 40, 45, e 50 » |
| » 7, 6 e 5.... | 60, 65, e 70 » |
| » 4, 3 e 2.... | 75, 80, e 85 » |
| » 1..... | 90 » |
| » B, BB e BBB | 100 a 120 » |

São estas, é claro, as distancias a que vae o chumbo com probabilidades d'algum exito; nem sempre, todavia, pode contar o atirador, mesmo que atinja o lado vulneravel, com resultados seguros.

Porto—Janeiro, 1896.

Baptista de Sá.

SECÇÃO DE ATIRADORES

VAE organizar-se em Borba uma secção da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*. Será composta pelos socios correspondentes da Associação, que ali residem.

Estão projectadas outras secções em varias cidades e villas do paiz.

Estimamos sinceramente que se vá reconhecendo a necessidade de vulgarisar entre nós o tiro nacional e agradar nos noticial-o aos nossos leitores.

SINGULAR IRONIA

TINHA corrido muito regularmente o dia; os cinco ou seis caçadores haviam morto algumas perdiçes e um só estava, ao começar da tarde, arriscado a uma *grade* completa.

Na verdade, apesar de alegre e folgazão, tinha um beijo de palmo e meio e o caso não era para menos; já havia risinhos, uma piada de vez em quando e o infeliz a afinar, a afinar, mas sempre com a esperanza de que alguma perdiç se lhe levantasse a geito.

E esta esperanza confirmou o dictado de que *quem espera sempre alcança*.

Levanta-se um bando de perdiçes; o nosso homem atira a uma e convence-se de que a tinha derrubado, tanto mais que no ar fluctuaram algumas pennas.

Mandou o cão cobrar o ferido; o animal procurou, não encontrou rasto e voltou sem nada.

Insiste o caçador com o cão e grita-lhe zangado:

— Busca o ferido!

Partiu o animal em obediencia ao dono, não sem deixar de olhar para elle com ar de quem não percebe nada do que lhe exigem, e lá se foi pelo matto a dentro e demorou-se.

Entretanto os caçadores a quem não havia escapado que a perdiç não cahira, e que as pennas fluctuantes eram de outra, morta por um dos companheiros, sorriam e cochichavam esperando pelo resultado da nova busca em que o perdiegueiro andava certamente atarefado, tanto elle se demorava.

Volta por fim e depõe aos pés do dono a ponta retrocida d'um carneiro que por acaso largára alli perto a pobre osada.

Gargalhada geral, e diga-se com verdade, pois o caso é verdadeiro, que o proprio caçador, tão cruelmente perseguido pela sorte mofina, fez das tripas coração e soube tirar partido do episodio com a graça que todos lhe conhecem e que de ha muito é proverbial.

Não se convenceu, porém, e insistiu com o cão repetindo.

— Não é isto o que eu quero! Quero uma perdiç que matei. Vae buscar a perdiç. Busca ferido!

Partiu novamente o animal, mais estonteado do que da primeira vez, pois por muito que farejasse perdiç é que não achava, e elle ahi vem de volta com a segunda ponta do carneiro tão brilhante e luzidia como a primeira, e talvez um pouco mais arrebitada.

A hilaridade foi geral e, ainda hoje que são ja decorridos bastantes annos, as testemunhas d'esta scena, talvez unica no genero, não a podem recordar impunemente e concordam em dizer que perdiegueiros como aquelle ha poucos e quem os tem chama-lhes seus.

S. B.

O LEÃO

(Continuado do n.º 45)

Os viajantes tem-nos feito a narração d'essas terriveis luctas que terminam muitas vezes pela morte dos dois contendores.

Outra causa de guerra entre os machos, é a posse das fêmeas na estação dos amores. Parece que as fêmeas tem verdadeiro prazer em excitar, como perdidias, o ciúme dos namorados e que não lhes desagrada dar-se ao vencedor.

O leão é verdadeiramente o rei dos animaes, se fôr avaliado pelo enorme algarismo da lista civil. Fica-se confundido quando se pensa na enorme quantidade de gado que consomme no decurso da sua existencia.

O spahi Julio Gerard, cognominado o *Matador de leões*, celebre pelas suas caçadas na Argelia, avalia em 6:000 francos, o valor dos cavallos, mulas, bois, camellos e carneiros que um só leão leva annualmente aos arabes.

Tomando a média da sua vida, que é de trinta e cinco annos, cada leão custa aos arabes 210:000 francos.

A quantidade de alimento que este carnívoro absorve n'uma refeição é, na verdade, prodigiosa; tem-no visto devorar d'uma vez um bezerro.

Comprehende-se em vista d'isto que o leão seja profundamente odiado pelos povos da Africa cuja unica riqueza consiste em gado, odio tanto mais violento

quanto é certo que os arabes raras vezes tem a coragem de expor a vida para conter os estragos do seu inimigo.

Ha, portanto, muitos methodos para caçar o leão.

Póde empregar-se a armadilha. Este processo que tem a vantagem de não ser perigoso é o mais frequentemente usado. Os pretos do Soldão e os hotentotes fazem na passagem do leão que querem matar um profundo fosso, perfeitamente disfarçado com ramos cobertos de terra e relva e que deve ceder a uma pequena pressão. Sobre este terreno falso collocam uma isca qualquer, ou um cordeiro vivo, ou um quarto de boi ou de cavallo recentemente abattido.

O leão chega, vê a presa, salta e cae no fosso. Os seus inimigos vem então insultal-o e fuzillam-no á sua vontade do alto do fosso em cujo fundo se deitou silencioso e com serena dignidade.

Os arabes fazem este fosso no interior do proprio *douar* (reunião de barracas).

A caça de espera debaixo do chão ou sobre uma arvore tambem não é perigosa. No primeiro caso, tres ou quatro homens occultam-se n'uma cova d'um metro de profundidade, feita junta de uma vereda frequentada pelo leão. Por cima d'elles, troncos d'arvores, carregados com grandes pedras e grande massa de terra, formam um tecto solido; ao lado ha estreitas aberturas para ver o que se passa fóra e collocar os canos das espingardas; finalmente uma isca é collocada em frente da espera para forçar o leão a parar. Este chega e cheira a presa; n'este momento recebe uma descarga.

É raro que caia immediatamente. Logo que se sente ferido, salta para o lado da espera, pensando achar o inimigo, mas depois de inúteis pesquisas afasta-se sem ser perseguido e vae morrer no seu antro.

Outras vezes, os caçadores occultam-se no meio d'uma arvore a que juntam ainda alguns troncos, para se abrigarem melhor. D'este posto, fazem exactamente o mesmo que da cova.

Estas duas especies de esperas são muito usadas pelos arabes.

A desconfiança do leão, porém, faz com que muitas vezes sejam inúteis estes artificios. Então é preciso fazer guerra franca.

Um certo numero de cavalleiros, acompanhados por cães vigorosos, reúnem-se, approximam-se do logar em que está o animal e fazem esforços por diferentes meios para que saia e se apresente na planicie.

Se o animal aceita o combate n'estas condições está perdido. Os caçadores disparam successivamente a sua espingarda e fogem a toda a brida para fóra do seu alcance; em seguida, tendo carregado a arma outra vez voltam para o leão e recomeçam o fogo até que succumbam.

Os colonos da Africa austral não procedem d'outro modo e não ha exemplo de ter morrido um só. Portanto fazem esta caçada não só sem apprehensão, mas com prazer, e aproveitam todas as occasiões. Neste paiz caça-se o leão, como entre nós o veado.

Entre os arabes o caso não é tão simples. Quanto um certo numero d'elles se reúne para ir caçar o leão ha quasi sempre morte de homem. E' verdade que os caçadores arabes não fogem, como os africanos do sul, depois do fogo, esperam o animal. Ora o leão nunca é mais terrivel do que quando está peri-

gosamente ferido e prestes a morrer. Então tudo quanto lhe cae debaixo da garra é despedaçado, e como tem extraordinaria vitalidade podem contar-se na terra ensanguentada as victimas da sua terrivel e febril agonia.

(Continúa.)

UM «TAVOLAZZO» NO PIEMONTE EM 1826

Uma caçada aos gallos do matto

(Continuado do n.º 45)

Vi desde hontem bastantes cousas incompreensíveis mas na verdade isso seria forte de mais, respondi. Em rigor, concedo que o cão saiba que o piado do mocho é signal da passagem d'um bando de contrabandistas; comprehendo ainda que com mais difficuldade, que reconheça n'uma pastora de cabras a pessoa encarregada de o espionar; mas como queres que admita n'um animal a preciencia d'um acontecimento que nada annuncia ainda? E' absolutamente como se me disseses que era capaz de ler uma carta.

— Como quizeses meu caro amigo; mas tenho quasi a certeza do que avanço. Examina-os com attenção, e descobre-me n'essa conversação muda que tem logar entre elles outra razão além da que te dei.

— Não ha nada mais facil. Titano prepara a nossa ceia, e Torquato que tem fome pede-lhe alguma cousa.

— Se assim fosse em vez de se limitar a seguir-o com a vista, acompanhall-o-hia para diligenciar apanhar alguma cousa; interroga, mas não pede. Estuda-os a ambos attentamente.

O acaso fez com que n'este momento Titano tirando do seu bahu um enorme pastel, no qual pela manhã tinhamos aberto uma profunda brecha, deixasse cahir no chão algumas migalhas, seria com certeza uma boa occasião para Torquato; comtudo não se mecheu, e Solimão precipitou-se para limpar a casa, o que fez n'um abrir e fechar d'olhos.

— Vês, disse-me o marquez.

— E' verdade! Titano é um feiticeiro, e o seu cão o seu demonio familiar.

— Vossas excellencias estão servidos, disse-nos o velho caçador mostrando-nos a mesa, que sem exaggero vergava ao peso de todas as cousas boas e solidas de que a tinham coberto.

Assentámos-nos os tres, e Titano dispôz-se a servir-nos como fizera pela manhã.

— Escuta, meu velho, disse-lhe o marquez, talvez tenhas alguma cousa que fazer, e n'esse caso não te incomodes por nossa causa. Portanto logo que tenhas satisfeito o teu appetite, deixa-nos em companhia d'estas garrafas, e vai onde o dever te chama. Já que fazes contrabando ainda esta noite, fal-o com consciencia, sómente previne essa gente de que é a ultima vez que os serves.

— Ainda não chegou o momento, respondeu Titano lançando ás fortadellas um olhar ao relógio, que marcava oito horas. Além de que póde acontecer que não sejam exactos, ou passem n'outra parte...

— E então?

— E então ficarei desligado da promessa que lhes fiz, e se reclamarem os meus serviços para amanhã, ou outro dia, far-lhes-hei saber que não contem mais commigo.

— E's um homem de bem! exclamou o marquez estendendo a mão ao velho caçador, d'essa fórma quando te deixar irei tão tranquillo como indo contigo.

— Aborrecer-nos-hemos um pouco o meu cão e eu durante as longas noutes d'inverno; mas lembrar-me-hei que faço uma cousa que me pediu, e deitar-me-hei satisfeito. A sua saude, excellentissimo, á vossa tambem senhor marquez, continuou Titano voltando-se para mim.

Levantámos os copos para fazer a rasão ao nosso hospede, e n'esse momento o *epagneul* que estava agachado em frente da chaminé com os olhos sempre fitos no dono, levantou-se bruscamente e veio collocar a cabeça sobre a borda da mesa.

Apresentei-lhe um bocado de pão molhado em molho, mas nem ao menos se dignou cheiral-o.

— Ah! Ah! disse o caçador os marotos serão exactos.

Apenas estas palavras foram pronunciadas um cão arranhou á porta da cabana julguei que era o *braque* inglez do marquez; mas tendo Titano aberto a porta vimos entrar um pequeno cão de raça *barbet*, preto, do aspecto mais miseravel, o verdadeiro cão de cego.

— Não ha duvida, disse Titano com ar descontente. Palavra que teria dispensado de bom grado mais esta tirada.

— Decedidamente passam? perguntou o marquez.

— Querem passar, e mandam-me pedir por Mouton que lhes diga se a passagem está livre.

— E como saberás isso?

— Indo assegurar-me, o que vou fazer immediatamente.

— Estarás ausente muito tempo?

— Meia hora o maximo.

— Comam de vagar, não bebam tudo, eu voltarei em breve beber comvosco á saude d'esse pobre Valenti, que vai ser embaçado, por mais esperto que seja.

— Sê prudente, interrompeu com solicitude o marquez, que viu o caçador pegar n'uma das espingardas penduradas no panno da chaminé. Seria duro na ultima campanha...

— Não receie nada, excellentissimo. O que tenho que fazer é a cousa mais facil do mundo. A passagem perigosa fica apenas a dez minutos d'aqui, e não tem mais de trezentos passos de comprimento. Vou collocar-me á entrada. Torquato fará sentinella nos arredores, e se não descobrir cousa alguma suspeita irá prevenir os outros, que continuarão o seu caminho tranquillamente.

— Então para que levias a espingarda?

— Nunca saio sem ella; mas ha quinze annos que exerço este mister e ainda não tive uma unica occasião-de a metter á cara. Até já, continuou, dirigindo-se para a porta.

— E o *barbet*? perguntei.

— Partiu para annunciar que me tinha encontrado no meu posto, nunca faz conversação maior do que isso.

Tinhamos-nos levantado para acompanhar o nosso hospede até á porta, e á claridade da lua, que nuvem alguma obscurcia vimol-o tomar o caminho que conduzia ao fundo do pequeno valle que tinhamos atravessado pela manhã em caminho da caça.

(Continúa.)